

JOGOS OLÍMPICOS E A DIALÉTICA GLOBAL-LOCAL: OS CATARINENSES EM ATENAS/2004 NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL ³⁷

Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires

LaboMidia/UFSC

giovanipires@cds.ufsc.br

INTRODUÇÃO

A realização dos Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro, em julho do presente ano (2007), com ampla cobertura da mídia nacional, a proximidade da edição dos Jogos Olímpicos de Beijing, em 2008, que já começa a ocupar espaço na mídia esportiva, e a oficialização do Brasil como país sede da

37 Texto produzido a partir do Relatório da Pesquisa "AS OLIMPÍADAS E A DIALÉTICA GLOBAL-LOCAL: os atletas olímpicos catarinenses em Atenas/2004 na mídia", desenvolvida com o apoio do Programa FUNPESQUISA/UFSC – 2004/2005. Versões do mesmo Relatório foram publicadas na 58ª RA/SBPC (CASTRO et al., 2006; PIRES et al., 2006-a) e no 3º Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte (PIRES et al., 2006-b). O quadro conceitual preliminar, na forma de ensaio, foi publicado na revista Pensar a Prática (BITENCOURT et al., 2005). Os demais pesquisadores e coautores deste texto são: Antonio Galdino Costa; Cássia Hack; Cristiano Mezzaroba; Diego Mendes; Fernando G. Bitencourt; Huáscar Sidorak Castro; Iracema Munarim; Mariana M. Lisboa; Mellyssa da Costa Mol; Scheila Espíndola Antunes; Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro.

Copa do Mundo da FIFA em 2014 são ocasiões propícias para verificarmos como as relações (e tensões) entre o global e o local se expressam, por meio do esporte, nos meios de comunicação de massa.

Foi esse o propósito que orientou a pesquisa “As Olimpíadas e a dialética global-local: os atletas olímpicos catarinenses em Atenas/2004 na mídia”, realizada pelo Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva, ligado ao Laboratório de Mídia do Centro de Desportos – LaboMídia/UFSC. Para este texto, tomamos como referência a cobertura jornalística da mídia impressa de Santa Catarina para a reflexão dos Jogos Olímpicos de Atenas, realizados em 2004, cuja delegação brasileira contou com dezenove “catarinenses olímpicos”, ou apenas “locais” (numa alusão à linguagem utilizada no *surf*) – atletas nascidos no Estado ou que atuavam em clubes de Santa Catarina.

A questão global-local é atualizada pelo mundo e, ao mesmo tempo, interpela-o em rede da infotelecomunicação: as novas tecnologias de informação promovem a sua compressão, dando a sensação de vivermos numa realidade espaço-temporal única, o que nos torna concidadãos-globais. Todavia, será que essa nova realidade pode dispensar os símbolos culturais localmente identificados/significados, quando pretendemos socializar fenômenos que são globais?

Parece haver, nas ciências sociais, um entendimento comum que admite a coexistência do global e do local, por meio de relações dialeticamente estabelecidas, que ajudam a construir identidades culturais híbridas, a um só tempo, cosmopolitas e locais. Esta questão é crucial para campos da dinâmica social em que a comunicação é determinante, porque envolve possibilidades subjetivas de percepção e formulação de significados sobre informações veiculadas em escala global. Disso dependem, por exemplo, os padrões de uso e consumo dos produtos culturais mundializados (ORTIZ, 1994), oferecidos como mercadorias. Grandes eventos mundiais, incluídos aí os esportivos, como a Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos, são produzidos e disponibilizados pela mídia em esfera global, mas são consumidos no âmbito local, o que implica que sejam apropriados e significados permeados por estruturas próprias de mediações culturais (sobre a categoria *mediações culturais*, ver BARBERO, 1987 e OROZCO GOMEZ, 1993).

Nos Jogos Olímpicos de Atenas/2004, por exemplo, cerca de 15 mil jornalistas de todo o mundo apresentaram o evento, globalmente produzido e realizado aos seus públicos receptores locais, utilizando-se, para tanto, de símbolos culturais por eles identificáveis. Trata-se de um paradoxo que estimula a imaginação, inquieta e nos faz refletir sobre as características que marcam esse evento. Nesse caso, o esporte como cultura é apropriado pela mídia no bojo do fenômeno da globalização, permitindo que ele seja pensado sob um prisma que liga o tempo ao espaço, a narrativa à ação, do mito ao ritual.

A globalização – como corolário da Modernidade – pode ser, em um sentido específico, entendida como um processo de aceleração do tempo e o conseqüente encolhimento do espaço em virtude dessa aceleração, devido à velocidade de deslocamento propiciada pelos meios de transporte e informações, em linhas gerais, e fruto do aperfeiçoamento da tecnociência. Decorrente dessa aceleração, uma série de desarticulações parece atingir as subjetividades, que tem levado à fragmentação do sujeito e ao esgarçamento do tecido social, resultando numa certa esquizofrenia e na perda de sentido. Entretanto, as pessoas dizem parar para ver as Olimpíadas. Como é possível parar? Em que sentido isso se dá, na medida em que a velocidade aumenta?

Por outro lado, se há um encolhimento do espaço em relação ao tempo, vimos no tempo olímpico o espaço se expandir ao máximo. Atenas alcançou o globo. Um pequeno lugar se alargou em escala planetária e imiscuiu-se nos recantos mais distantes, onde houvesse uma antena, um rádio, uma televisão, um computador ligado à internet. Todos estivemos em Atenas, ou melhor, Atenas estava em nós, sob muitos ângulos, diversas perspectivas, inúmeras narrativas. Como Atenas pôde passar a fazer algum sentido como “lugar” para nós?

MODERNIDADE E GLOBALIZAÇÃO: ATUALIZAÇÃO E NARRATIVAS

A Modernidade, uma reinvenção do passado articulada pelo Renascimento e pelo Iluminismo, tem seu principal fundamento ancorado no uso da razão. Mas ela é um tanto mais plural e, concebida sob essa bandeira, ainda incorpora elementos do monoteísmo cristão e elementos recorrentes ligados à natureza. Essa tríplice formulação pode ser resumida nas questões antropológicas que perseguem o ser humano – ou que o ser humano persegue: natureza, cultura e sobrenatural.

Sabemos que a Modernidade, por princípio, está ligada a uma nova episteme, conforme sugere Foucault (1992), que viria classificar e organizar o mundo sob os auspícios das ciências matemáticas, médicas, jurídicas etc. Mas essa classificação, que põe o humano no centro do universo, vai se estruturar com o advento da industrialização e a crescente urbanização das cidades, com a burocratização das organizações estatais, a secularização, com o avanço da técnica e da ciência e, conforme Waizbort (2000), citando Simmel, com a disseminação do dinheiro como forma abstrata de medir o valor das coisas.

Entretanto, essa crescente racionalização não vai ser capaz de impedir a fé em um Deus que é e que, em seu poder demiúrgico, vai continuar a controlar e organizar o tecido social. Assim, concomitantemente ao advento da ciência e seu poder de explicação do mundo, as Igrejas, representantes do poder divino na terra, continuam a responder por uma série de questões existenciais que assombram a vida humana. Ao mesmo tempo, Adorno e Horkheimer (1985) lembram-nos que a ciência se converte em novo mito (religião) e que, em última instância, o poder da ciência é fundado sobre a fé em suas realizações.

Do mesmo modo, a natureza permanece viva na modernidade, seja ela pensada como fora de nós e como um problema ecológico a ser resolvido, ou seja, a própria natureza humana, inscrita em nossa corporalidade e psique e que suscita profundos debates em torno do que é ser humano. A natureza, interna ou externa, aparece como, por um lado, o ponto de equilíbrio para um resgate do propriamente humano e, por outro, um empecilho ao avanço infinito do progresso científico tecnológico.

Esses três elementos que estruturam a vida moderna estão sob as pressões dos mitos de fundação destes dias em que vivemos e que têm, na ideia de progresso infinito, base narrativa de um positivismo que se imiscui no capitalismo, ora neoliberal, de um discurso universalizante e que precisa ter em sua agenda ritos os quais atualizem seus ideais e que fortaleçam a identidade planetária em torno desses pressupostos.

Reconhecemos, entretanto, profundas contradições nesta Modernidade na qual o capitalismo se tornou hegemônico e que, em sua versão globalizante – efeito operado, como mencionamos na abertura, pelos velozes meios de transporte e comunicação –, nos impõem uma aceleração brutal da vida, encolhendo o espaço em relação ao tempo, implicando alterações profundas em nossa sensibilidade e em nossas subjetividades. Esse mundo que se articula em torno do capital, que se expande por meio do consumo, encolhe-se em termos de posse de capital e é fustigado pela violência, precisa então formular discursos homogeneizantes, que integrem os mais distantes e excluídos à comunidade planetária.

É assim que os deslocamentos causados pela aceleração constante e a perspectiva de progresso infinito via tecnologias têm gerado a fragmentação das identidades, conforme assinala Hall (2003), gerando diferentes posições sociais, nas quais os sujeitos precisam se reconhecer, e que não fornecem a segurança de um Eu único, mas um processo esquizofrênico de construção da identidade. Segundo Harvey (1996), a Modernidade caracteriza-se por um infindável processo de fragmentação e rupturas em seu interior, o que deixa o indivíduo e o tecido social repletos de fissuras, fraturas e cortes abertos que devem ser preenchidos, normalmente, pelas mercadorias.

Se a Modernidade veloz constrói essa fragmentação, ao mesmo tempo precisa criar mecanismos que suportem suas narrativas míticas e reorganizem a sociedade numa identidade menos flutuante. Esse suporte tem sido, junto com as mercadorias – e/mas como mercadoria –, o esporte.

AS TENSÕES GLOBAL/LOCAL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Em vários campos das ciências sociais aplicadas, como na educação, nas ciências da informação, na publicidade, entre outras, as tensões já estabelecidas e reconhecidas entre os âmbitos local e global são vistas agora como ainda mais agudas, a partir do processo de globalização.

Pensando o fracasso escolar e sua relação com o currículo e as políticas culturais, Oliveira e Destro (2005) sustentam que precisam ser pensadas ações contra-hegemônicas em relação às teorias para a construção de currículos escolares com pretensões universalizadoras e homogeneizantes, de caráter nacional ou internacional, que não consideram as realidades e culturas locais/regionais.

Entendemos que essa abordagem pode ser pensada a partir de estudos que possuam uma lógica espacial que não dicotomize nem polarize as relações entre o global e o local, e a partir daqueles que dêem centralidade à cultura em processos analíticos. [...]. Sugerimos o deslocamento da abordagem metodológica hegemônica, ou seja, da perspectiva global/local para a perspectiva local/global. Isso porque os processos e forças culturais são mais bem visualizados em situações históricas específicas. Portanto, a melhor forma de definir-se uma temática para estudo em política curricular é fazê-la localmente. Alertamos, no entanto, que o deslocamento deve ocorrer somente no sentido da perspectiva, do ponto de partida, sem, contudo, isolar, polarizar ou inverter a verticalização em relação ao contexto global, para não cairmos em equívoco, perdendo com isso a perspectiva processual e histórica da política, (p. 143).

No campo da ciência da informação relacionada às novas tecnologias e políticas de inclusão social, Freire (2006) alerta que, na sociedade globalizada em rede, a difusão dos padrões globais presentes nesse novo espaço social promove a alienação dos padrões e dos valores das culturas locais, sendo necessário contextualizar os fenômenos em virtude da complexidade dos

laços que envolvem o global e o local. Segunda a autora:

A dimensão cultural do local atua na globalidade como um fio invisível que vincula os indivíduos ao espaço, marcando uma certa idéia de diferença ou de distinção entre comunidades. Assim, o local constitui-se em suporte e condição para as relações globais. É nele que a globalização se expressa concretamente e assume especificidades'. (ALBAGLI, 1999, citado por FREIRE, 2006, p. 59).

Quando a questão da informação se relaciona às políticas públicas de saúde, as tensões entre global e local devem ser pensadas de maneira não dicotômica, ainda que se constituam em objetos distintos, com tessitura e dinâmicas próprias. Numa perspectiva democrática e emancipadora, é preciso entender a dimensão local como estratégia de resistência à racionalidade globalizante, conforme preconiza Ilara H. Sozzi de Moraes (1998), em sua tese de doutoramento. Para a autora, na sociedade global, foram alteradas as mediações em que se inserem o todo e as partes, o universal e o particular; o local passa a ser também nacional e global:

A resistência, a oposição se demarcam no próprio limite de afirmação da situação ao qual se contrapõem. Suas fronteiras se entrelaçam, se ligam pela condição mesma de suas existências: lados opostos de uma mesma moeda.[...] Vale destacar que o global e o local implicam-se reciprocamente, em articulações sincrônicas e diacrônicas diversas, desde convergentes e antagônicas. São totalidades bastante articuladas, cada uma a seu modo, mas reciprocamente referidas. As identidades do local e do global embaralham-se, multiplicam-se e (re)territorializam-se em outros espaços, com outros significados (MORAES, 1998, versão *on line*, s/p).

Nessa mesma direção parecem apontar as argumentações da professora Maria Lilia Dias de Castro (2004), segundo a qual, apesar da corrente avassaladora da globalização, em alguns campos sociais, podemos perceber uma espécie de contraponto entre tendências homogeneizantes, de convergências, fruto da globalização, e atividades de particularização, de linguagens específicas não unificadoras, da valorização das questões

localizadas, das histórias particulares dos lugares. Apoiando-se em Ford (1999), para quem a mídia, em geral, vive esses dois movimentos aparentemente contraditórios de generalização e particularização, de localização e globalização, Castro afirma que a publicidade consegue articular a negociação dos interesses dos grandes grupos e conglomerados comerciais e a valorização das culturas locais.

Com base em estudo que visou a comparar as formas de construção do discurso publicitário de duas redes de lojas, uma nacional e outra regional, ela afirma que, no campo da publicidade, os objetos de pesquisa tendem a passar das tentativas de entender as influências do global sobre o local para a busca de compreender se e de que modos o local influencia o global, ao menos em termos de eficácia da mensagem publicitária junto aos consumidores.

Tais argumentos encontram ressonância no estudo de Andrade e Marques (2005), também no espaço da publicidade, que têm por objetivo identificar critérios para avaliar a pertinência ou não das campanhas publicitárias padronizadas de produtos globais. Apensando argumentos favoráveis à padronização das campanhas, com base em aspectos de economia de escala e maior controle do conteúdo e da forma das mensagens, e também contrários, estes relacionados à singularidade das identidades e culturas locais, os autores sugerem que, na discussão quanto à eficácia do discurso publicitário, as relações de tensão entre as duas dimensões estão sempre presentes e precisam ser consideradas como faces de um mesmo processo.

Nesses termos, nossa pesquisa teve como objetivo articular uma análise macrossociológica do processo jornalístico relativo à cobertura do evento olímpico, visando a compreender como a mídia inclui o local no universal, por meio de estratégias discursivas que relacionam o evento de ordem global ao local e ao mais íntimo do indivíduo, sua subjetividade. É nesses termos que a mídia de circulação local vai buscar, no contexto amplo dos jogos e em seus inúmeros atletas, aqueles que mais se identificam com o local do qual a mídia fala e, dentre estes, os que têm maiores expectativas de bons resultados. Desse modo, consegue falar e dar significado ao global (o evento) a partir do particular (os atletas locais).

Os meios de comunicação, ao criarem a sensação afetiva e imaginária de estarmos lá, competindo, por intermédio de conterrâneos, próximos

ou distantes, deixam os sujeitos e as sociedades locais em conexão com o discurso universal amalgamado no universo simbólico/ritual dos Jogos Olímpicos e, ao mesmo tempo, difundem e colaboram para inculcar os mitos que esse ritual reforça, produzindo, na trama de significados que é gerada no processo cultural, essa identificação com o universal, com os Jogos e com seus efeitos. Os meios de comunicação de massa são porta-vozes dessa ilusão ritual-virtual, ou colaboram na reinterpretação e na construção de novos mitos, já que não é mais possível viver sem o poder de penetração da mídia na dinâmica social.

Nessa dialética entre o universal e o local, mediada pelos meios de comunicação de massa, interessa-nos, portanto, perceber como o evento de natureza global foi narrado na mídia, no que se refere às referências locais, isto é, os atletas catarinenses que participaram dele. Algumas questões para a investigação dessa temática se impõem:

De que formas a mídia impressa catarinense “narrou” os Jogos de Atenas para os seus leitores?

Como os atletas catarinenses participantes dos Jogos serviram de mediação cultural identificatória para a mídia “falar” desse evento global ao local?

Nossa hipótese inicial era de que os atletas catarinenses ocupariam grandes espaços nos jornais locais, tendo em vista a perspectiva de que eles poderiam “linkar” o público leitor, regional, ao evento global, provocando curiosidade e interesse na procura pelas informações veiculadas.

Justificamos nosso interesse nesse tema por entendermos que estratégias de recepção crítica precisam ser formuladas, a fim de que os cidadãos sob a responsabilidade pedagógica do professor de Educação Física possam perceber e compreender esse processo, para, com ele, continuar se relacionando, se desejarem, porém em outro patamar de esclarecimento. Tarefa essa que precisa ser desenvolvida no âmbito da educação para a mídia (BELLONI, 2000) ou mídia-educação (FANTIN, 2006), como estratégia da formação inicial e continuada dos professores da área, na qual se insere o presente estudo, como estratégia de formação para/pela pesquisa coletiva.

PROCEDIMENTOS E O PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

Nossa referência para a observação/compreensão desse processo foram os dezenove (19) atletas olímpicos identificados como catarinenses ou “locais” que participaram dos Jogos de Atenas/2004. Como caminhos desta narrativa, escolhemos a mídia impressa, representada por dois dos principais jornais diários de circulação estadual em Santa Catarina: o *Diário Catarinense* (DC), editado em Florianópolis, e o *A Notícia* (AN), de Joinville.

Trata-se de uma pesquisa descritiva cujo período de observação para análise da mídia correspondeu ao mês de agosto de 2004, quando aconteceu o evento. O *corpus* de observação constituiu-se de cinquenta e oito (58) edições dos dois jornais, que foram recolhidas e analisadas coletivamente pelos pesquisadores do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

O primeiro procedimento foi a leitura de todo o material coletado e a localização de notícias relativas aos atletas catarinenses, sendo elaborada uma matriz analítica na qual foram registradas as referências a cada atleta local, em que são considerados textos, títulos e fotos — quando havia. Esse procedimento permitiu que eles fossem ranqueados a partir do número de matérias em que foram referidos, por jornal. A seguir, elaboramos o cálculo dos valores absolutos da área ocupada pelas matérias (em cm²) e dos valores relativos (em percentuais).

Para sistematizar a análise, dividimos o material de pesquisa em unidades referentes a cada uma das quatro semanas de agosto/2004. No presente recorte do relato da pesquisa, em função do espaço disponível, limitamos a abrangência da análise aos quatro atletas mais referidos em cada um dos jornais.

Na sequência, procedemos a uma análise de conteúdo (BARDIN, s.d.), de corte qualitativo, visando a localizar peculiaridades recorrentes do discurso da mídia impressa a respeito dos nossos atletas, em que foi possível identificar sete categorias de análise, que foram assim nomeadas: *referência ao local; expectativa e realismo; preparação; retrospecto; presença feminina; avaliando a participação; presente perpétuo.*

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa tem, assim, duas formas de apresentação de resultados, decorrentes da metodologia antes explicitada. A primeira oferece um levantamento descritivo-quantitativo da cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas-2004 nos dois jornais selecionados: Diário Catarinense (DC) e A Notícia (AN). A segunda expressa uma interpretação qualitativa do conteúdo das mensagens e da narrativa jornalística sobre o tema.

A) ANÁLISE QUANTITATIVA

A análise quantitativa compreende uma série de dados que passam a ser apresentados a seguir. Começamos com a área total (em cm²) destinada a notícias sobre os Jogos Olímpicos (JO) nas páginas de esporte dos jornais selecionados; a área absoluta das matérias relacionadas aos catarinenses e o respectivo percentual relativo à área total da cobertura dos Jogos. Os Quadros 1 e 2 expressam esses dados, discriminando, respectivamente, por jornal e a cada uma das quatro semanas acompanhadas.

Tabela 1 – Área total da cobertura dos JO e área dedicada aos atletas catarinenses no DC

Semana	Área total/JO (em cm ²)	Área dos Catarinenses (em cm ²)
1 ^a	9.918	3.322
2 ^a	44.080	4.945
3 ^a	61.712	5.949
4 ^a	44.080	2.944
Total	159.790	17.162 (ou 10,74%)

Tabela 2 – Área total da cobertura dos JO e área dedicada aos atletas catarinenses no AN

Semana	Área total/JO (em cm²)	Área dos Catarinenses (em cm²)
1 ^a	34.500	5.215
2 ^a	13.500	3.125
3 ^a	18.000	3.227
4 ^a	16.400	2.526
Total	82.400	14.095 (ou 17,10%)

A primeira constatação é de que o DC dedicou quase o dobro de espaço às Olimpíadas de Atenas/2004 (159.790 cm²) que o atribuído pelo AN (82.400 cm²), sendo que tais números podem ser explicados, em parte, pelo fato de o DC ter editado um caderno especial sobre os Jogos Olímpicos, encartado em 16 edições do jornal. Outra razão pode ser pelo fato de o DC ter uma estrutura empresarial mais forte (Grupo RBS), com distribuição no Rio Grande do Sul, no Paraná e no Distrito Federal, além de Santa Catarina. Isso proporciona incipiente circulação nacional e faz com que o jornal seja menos “localista” em relação ao AN (que possui distribuição apenas estadual)³⁸.

Da mesma forma, o espaço destinado aos atletas catarinenses é maior no DC (17.162 cm²) do que no AN (14.095 cm²), ainda que esses números, quando são tratados percentualmente, se invertam, sendo maior no AN (17,10%) do que no DC (10,74%).

Percebemos que, em ambos os jornais, seja em números absolutos ou relativos, a área destinada à cobertura dos atletas catarinenses revelou-se aquém do que supunha nossa hipótese de trabalho. Esses dados também nos mostram que a ênfase nos atletas locais não foi tão grande quando comparada ao conjunto das matérias jornalísticas sobre os Jogos Olímpicos. Tal fato talvez possa ser justificado pelo pequeno número de catarinenses olímpicos na delegação brasileira, além dos escassos resultados obtidos,

38 Interessante registrar que, em 2006, o Grupo RBS de Comunicações, proprietário do Diário Catarinense, adquiriu o A Notícia, passando a editar dois dos três jornais de circulação estadual em Santa Catarina.

especialmente pelos mais conhecidos, ou ainda pela pouca representatividade midiática dos esportes praticados pela maior parte dos atletas locais.

A seguir, são apresentados os quatro atletas mais destacados em cada um dos jornais, lembrando que o critério adotado para esse ranqueamento foi o número de referências e não a área ocupada. Os Quadros 3 e 4 demonstram a respectiva área observada no conjunto das quatro semanas, acompanhado da modalidade que disputam e da região de procedência.

tabela 3: quatro atletas mais referidos no *Diário Catarinense*

Class.	Nome	Modalidade	Procedência	Área (cm²)
1	Gustavo Kuerten (Guga)	Tênis	Florianópolis	3.570
2	Fernando Scherer (Xuxa)	Natação	Florianópolis	1.809
3	Fabiana Beltrame (Fabi)	Remo	Florianópolis	829
4	André Fonseca (Buchecha)	Vela	Florianópolis	3.865
Total				10.073 (*)

(*) Essa área corresponde a 58,69% do total da área destinada à cobertura dos catarinenses (ver tabela 1)

Tabela 4: quatro atletas mais referidos no *A Notícia*

Class.	Nome	Modalidade	Procedência	Área (cm²)
1	Gustavo Kuerten (Guga)	Tênis	Florianópolis	7.935
2	Fernando Scherer (Xuxa)	Natação	Florianópolis	1.171
3	Fabiana Beltrame (Fabi)	Remo	Florianópolis	1.548
4	Alessandra Picagevicz (Ale)	Marcha	Timbó (*)	515
Total				11.169 (**)

(*) Cidade localizada na região norte de SC, próxima a Joinville

(**) Esta área corresponde a 79,24 % do total da área destinada à cobertura dos catarinenses (ver tabela 2)

Como vemos, dos quatro atletas mais referidos em cada jornal, três são comuns em ambos os veículos e dois deles têm expressão internacional (Guga e Xuxa). A terceira mais citada nos dois diários, a remadora Fabiana Beltrame, embora sem ter um retrospecto competitivo muito significativo, teve ampla cobertura midiática nacional no período pré-Jogos pelo ineditismo de ser a primeira atleta brasileira dessa modalidade a disputar uma Olimpíada. Enquanto isso, somente um entre os quatro mais referidos em cada jornal era atleta cujo reconhecimento é mais circunscrito à cidade ou região em que são editados os jornais. No caso, o velejador Buchecha, de Florianópolis, no DC, e a marchadora Alessandra, de Timbó, no AN. Os resultados alcançados por ambos, como veremos a seguir, determinaram trajetórias diferentes na sua cobertura, ao longo das quatro semanas de observação.

Outro destaque a ser feito é que o percentual da área ocupada pelos quatro atletas mais citados em relação à área de divulgação dos catarinenses é maior no AN (79,24%) do que no DC (58,69%), o que parece reforçar a tese antes sugerida de que a cobertura do Diário Catarinense é mais ampla e diversificada, mesmo quando se trata da distribuição do espaço destinado a essa cobertura entre o conjunto dos atletas catarinenses.

Também chama a atenção que todos os atletas considerados os mais referidos pelos dois jornais são praticantes de esportes individuais, a saber: tênis, natação, remo, vela e marcha. Isso pode ter a ver com o fato de que a técnica jornalística sugere a personificação (LEMOS, 2002), isto é, o destaque a um nome individual, no caso um atleta, para a organização e para facilitar a descrição da cobertura, o que fica mais simples quando esses atletas já atuam em esportes individuais.

O tenista Gustavo Kuerten (Guga), um local "global", além de ter sido o atleta com maior número de referências, foi também quem obteve maior espaço (11.505 cm²) e a maior porcentagem em relação à área total dedicada aos atletas catarinenses (34,25 %) no somatório dos dois jornais, considerando as quatro semanas. Mas, ainda que seja um atleta cujo destaque ultrapasse o âmbito das competições olímpicas, sua presença decresce à medida que é eliminado do torneio, tanto no DC, com maior ênfase, quanto no AN.

Em compensação, um resultado acima das expectativas de um atleta considerado "local", o velejador André Fonseca, o Bochecha, de Florianópolis

(que obteve o sexto lugar na classe 49er, em companhia de Rodrigo Link), proporcionou-lhe um significativo aumento de espaço no Diário Catarinense, passando de mero 1,78%, na primeira semana, para 68,90% na quarta, quando aconteceram as finais de vela nos Jogos. No AN, a exposição da atleta "local" Alessandra (Ale) Picagevicz, natural de Timbó, cidade da região de Joinville, também cresceu no decorrer da cobertura, embora de forma bem menos relevante, talvez por não ter obtido resultado tão significativo quanto o de André Fonseca (48º lugar na Marcha 20 km): variou de 0,35%, na primeira semana, para 16,89%, na quarta semana.

Esses dados podem ser mais bem visualizados no gráfico abaixo (Gráfico 1).

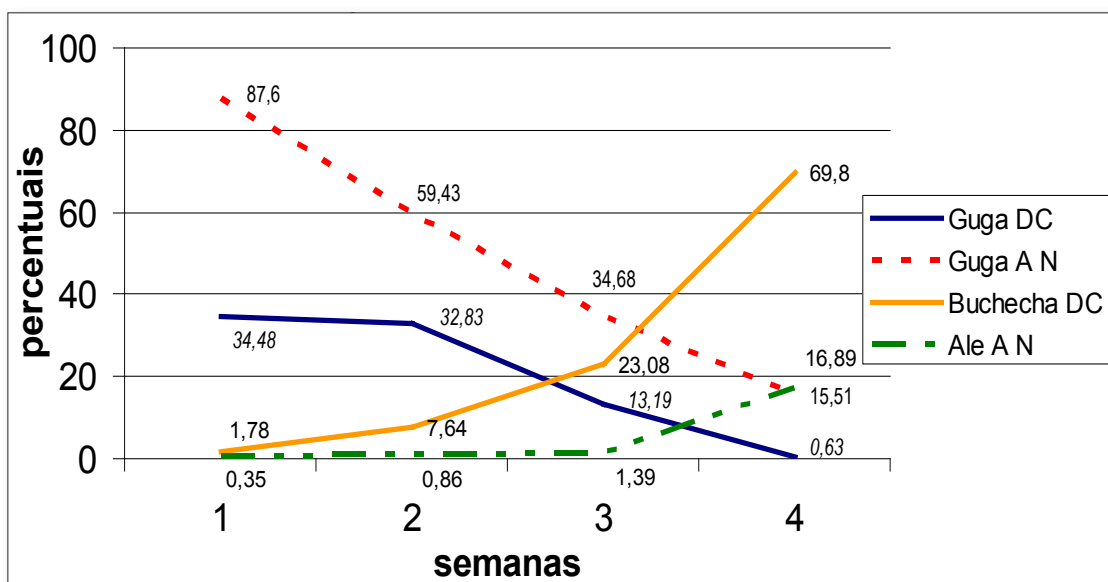


Gráfico 1 – trajetória da cobertura dos atletas referidos

B) ASPECTOS QUALITATIVOS

Para a interpretação qualitativa dos dados, foi procedida a constituição de categorias ditas empíricas, porque extraídas do *Corpus* de dados da pesquisa, a partir da observação de recorrência das unidades de registro e de significação no material documental. Para essa análise, o material não foi restringido aos atletas mais referidos, mas tomou por base a totalidade dos documentos recolhidos.

Também é necessário registrar que, apesar do rigor na construção das categorias de análise, algumas matérias poderiam ser classificadas em mais de uma delas. Isso porque se referiam a vários critérios relativos aos atletas dentre aqueles que serviram para constituir as categorias. Nesses casos, a classificação foi feita considerando, entre as diferentes características identificadas na matéria, aquela que mais se destacava a partir de critérios de relevância, por exemplo, por estar presente no título ou na legenda de fotos, ser a mais mencionada no texto, ou outros.

A seguir, apresentamos essas categorias, em número de sete, explicitando o seu significado e demonstrando, com exemplos, sua presença nas matérias dos jornais.

1. Referência ao Local: nessa categoria, foram classificadas as reportagens cuja ênfase maior se dava na condição de catarinenses dos atletas olímpicos, como a citação do nome do Estado ou de suas cidades de origem, entre outras características.

Exemplos:

Fonte/data: DC, 11/8/2004, p. 6

Manchete: **A esquadra catarinense em Atenas**

Linha fina: **o número de representantes do Estado na Grécia será o dobro da equipe que foi para Sydney**

Fonte/data: DC, 16/08/2004, p. 3

Manchete: **Remo. Catarinenses felizes com resultados**

Fonte/data: AN, 09/08/2004, p. A17

Manchete: **Ciclista catarinense disputa última Olimpíada da carreira**

Fonte/data: DC, 09/8/2004, p. 10

Manchete: **Handebol – Goleira Chana é o Coração do Grupo**

Matéria: **Além de Chana, que é natural de Capinzal/SC, a equipe nacional tem outras duas catarinenses no grupo, as blumenauenses Fabiana Kuestner e Ana Carolina Amorim.**

2. *Expectativas e Realismo:* nesse conjunto de registros, foram localizadas matérias que tanto reproduziam expectativas otimistas quanto à *performance* dos atletas catarinenses quanto se mostravam mais realistas e modestas em relação aos possíveis resultados, destacando as dificuldades enfrentadas pelos atletas.

Exemplos:

Fonte/data: AN, 13/08/2004, p. 3

Manchete: **Guga espera surpreender nas Olimpíadas**

Fonte/data: AN, 18/08/2004, p. A 16

Manchete: **“Se chegar à final dos 50m livre, brigo por uma medalha”, diz Xuxa**

Fonte/data: DC, 19/08/2004, p. 7

Manchete: **Vela. Bochecha luta por medalha**

Fonte/data: A N, 21/08/2004, p. 15

Manchete: **Natação – Scherer**

Matéria: **Fernando Scherer ficou fora das finais do 50m [...]: “fiz meu melhor tempo em Olimpíadas e acabei ficando fora da disputa pela medalha [...].”**

3. *Preparação:* essa categoria foi constituída pelas reportagens e matérias que se referiam ao relato do período de treinamento (físico, técnico, tático

ou psicológico) e às rotinas/rituais do treinamento, bem como à cientificação deste.

Exemplos:

Fonte/data: DC, 11/08/2004, p.4

Título: **Natação**

Matéria: **A concentração funciona nos treinos e nas provas. O problema é que o corpo não é o mesmo. Por isso, Fernando Scherer deixou a preparação psicológica de lado e buscou novos caminhos: "eu nadava uns 14 mil metros por dia há 10 anos. Hoje, não passo de 9.000. Tenho 29 anos, não dá para abusar".**

Fonte/data: DC, 13/08/2004, p. 7

Título: **De olho no futuro** (sobre o remo, destacando Fabiana Beltrame)

Matéria: [...] **A preparação para Atenas contou com um estágio na Espanha, onde os remadores fizeram período de treinamento e aclimatação.**

4. *Retrospecto*: reportagens que procuravam relatar a trajetória esportiva dos atletas, referindo-se, por exemplo, às conquistas e derrotas ocorridas anteriormente, colocações no *ranking*, entre outras.

Exemplos:

Fonte/data: AN, 16/08/2004, p. 1

Título: **Handebol faz boa estréia**

Matéria: **Depois de bater a Dinamarca, atual campeã olímpica, em um amistoso, as moças da seleção brasileira de handebol chegaram confiantes a Atenas. E neste domingo, na estréia, a equipe do técnico catarinense Alexandre Schneider [...].**

Fonte/data: DC, 11/08/2004, p. 7

Título: **Bochecha pode surpreender**

Matéria: **A vela é outra modalidade em que o Brasil tem tradição de medalhas e uma delas pode vir para Santa Catarina. André Fonseca [...] tentará a sorte na 49er, ao lado de Rodrigo Duarte. [...]. Bochecha, como é conhecido, começa a competir no dia 16 de agosto.**

5. *Presença Feminina*: registros que destacavam a participação feminina de atletas catarinenses. Entre outros, está o fato de Santa Catarina ter a primeira remadora brasileira em Jogos Olímpicos e a primeira mulher a representar o Brasil na marcha.

Exemplos:

Fonte/data: DC, 11/08/2004, p. 7

Título: **Tradição no Remo**

Matéria: **Foi no remo que SC teve seus primeiros representantes em uma olimpíada, em 1950. Em Atenas, caberá [...]. No feminino, Fabiana Beltrame (skiff) já é dona de uma façanha: é a primeira remadora brasileira a chegar aos Jogos Olímpicos [...].**

Fonte/data: AN, 12/08/2004, p. B2

Título: **Emoção**

Matéria: **Nas Olimpíadas de Atlanta e Sydney nossos marchadores foram Sérgio Galdino (Blumenau) e André Kammler (Chapecó). Agora, além de Galdino, temos dois estreantes: José Alessandro Baggio e Alessandra Picageviz, ambos de Timbó. [...] Alessandra recém completou 20 anos e escreve seu nome na sagrada galeria dos superatletas.**

Fonte/data: DC, 09/08/2004, p. 10

Manchete: **Handebol – Goleira Chana é o Coração do Grupo**

Linha fina: **Atleta catarinense é uma das mais experientes, joga na Europa e serve como voz da seleção** (de handebol feminino)

6. *Avaliando a Participação*: reportagens dedicadas a apresentar dados relativos à *performance* dos atletas catarinenses. Não limitados a critérios técnicos, enalteciam as vitórias e procuravam justificavas para a as derrotas, que se referiam ao consolo, a participações honrosas, decepções e eliminações.

Exemplos:

Fonte/data: AN, 27/08/2004, p. A1

Título: **Maicon vai ter grande recepção na segunda-feira em Lages**

Matéria: **Uma grande festa de recepção é o que a jogadora Maicon terá quando retornar de Atenas com sua medalha de prata (futebol feminino) e chegar em Lages.**

Fonte/data: AN, 21/08/2004, p. A 14

Título: **Baggio faz história na marcha**

Matéria: **José Alessandro Baggio, 23 anos, ficou muito feliz ao cruzar a linha de chegada da marcha atlética de 20 km, a primeira prova do atletismo olímpico em Atenas, em 14º lugar. [...] Apesar de saber que o público não vai reconhecer, Baggio acha que seu feito é histórico [...]**

Fonte/data: DC, 15/8/2004, p. 4

Manchete: **Ciclismo: Murilo Fischer chega no 62º lugar**

Matéria: **Os ciclistas brasileiros não tiveram boa participação no primeiro dia do torneio da modalidade. [...] apenas Murilo Fischer [catarinense] concluiu o percurso em 5h50min35s. Seus companheiros Marcio May [catarinense] e Luciano Mendonça tiveram problemas e abandonaram.**

7. *Presente Perpétuo*: categoria formada pelas reportagens que, independentemente dos resultados, projetavam a continuidade da carreira atlética dos catarinenses olímpicos. Nesse sentido, antecipavam o futuro e estipulavam metas a longo prazo para os atletas catarinenses, projetando os Pan-americanos do Rio/2007 e Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

Exemplos:

Fonte/data: AN, 20/08/2004, p. A 13

Manchete: **Fernando Scherer já pensa no Pan de 2007**

Fonte/data: AN, 29/08/2004, p. 16

Manchete: **Fabiana Beltrame: “treino para 2008”**

Fonte/data: DC, 29/08/2004, p. 2

Manchete: **Olhos voltados para Pequim-2008** (avaliando a participação do remo brasileiro, citando os dois catarinenses)

(ALGUMAS) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base as questões de investigação, os dados quantitativos e as categorias de análise identificadas, constatamos que a mídia impressa regional se utilizou estrategicamente dos atletas catarinenses para “contar” aos seus leitores como transcorreram os Jogos em Atenas. No conjunto dos dados, no período analisado, podemos perceber que o AN manteve o espaço destinado aos catarinenses de maneira mais estável, o que diferentemente aconteceu com o DC, que, inicialmente, destinou o dobro do espaço do que o outro jornal e, nas demais semanas, teve uma diminuição significativa.

Constatamos também que o espaço destinado aos atletas catarinenses foi relativamente pequeno em relação ao total da cobertura dos Jogos Olímpicos, o que, como já afirmamos, não confirmou nossa hipótese inicial de trabalho,

pois imaginávamos que o espaço destinado aos catarinenses seria bem maior em tais jornais. Acreditamos que isso se deu pelo fraco desempenho dos catarinenses olímpicos, além, é claro, de alguns deles participarem de esportes com pouca visibilidade midiática ou de “baixo consumo” em nossa cultura esportiva, diferentemente dos tradicionais, como vôlei, basquete e o esporte “emergente” da Olimpíada/2004 para os brasileiros, a ginástica olímpica, representada pelo “fenômeno” Daiane dos Santos.

Além do espaço menor do que o previsto aos catarinenses, ainda foi possível observar que a cobertura ficou bastante restrita aos atletas mais conhecidos (portanto, os mais referidos), que ocuparam a expressiva maioria desse espaço, numa espécie de personificação do evento ao público local, utilizando, principalmente, a figura de Gustavo Kuerten (Guga) como possibilidade inicial.

Apropriando-se da figura do ídolo ou de singularidades próprias dos atletas mais conhecidos, os dois jornais abordaram o tema de forma bastante similar, em que o destaque foi o alto percentual concentrado em alguns atletas, como já afirmamos. Esses percentuais concentrados são mais evidentes no período pré-evento e mesmo antes da sua participação nas provas específicas e parecem estar relacionados às suas trajetórias em competições anteriores (retrospecto), além das possibilidades de gerar expectativa de bons resultados e projeções de futuro. Podemos perceber, entretanto, que, no decorrer das semanas dos Jogos, os jornais se renderam às evidências da realidade, por ser impossível “brigar” com a notícia. Os ídolos mais referidos não alcançaram resultados aguardados e praticamente sumiram do noticiário. Outros atletas, então, cujas expectativas em relação a resultados eram inferiores, ao obterem classificações de certo modo inesperadas, alcançaram espaços mais privilegiados na mídia impressa.

De forma geral, a narrativa que construiu o agendamento e a personificação do evento a ser divulgado obedeceu à seguinte estratégia:

- 1.** inicialmente, esses ícones de identificação local eram utilizados para projetar expectativas e esperança em um possível bom desempenho nos jogos (pré-competição), fato este reforçado pela visibilidade dada à preparação e ao retrospecto promissor dos atletas;

- 2.** a cumplicidade com esses atletas foi permanentemente criada a partir de referências de suas relações com o local – sua proximidade com a realidade/cultura do povo catarinense – que se fazia representar em um evento global, com ênfase para as atletas que representavam um pioneirismo no feminino;
- 3.** no momento posterior às suas participações no evento, justificavam-se os desempenhos dos atletas, já projetando expectativas e agendamento em futuras competições e abriram-se alguns espaços para as surpresas, em termos de bons resultados.

Em síntese, do ponto de vista dos resultados propriamente ditos, podemos perceber que a mídia impressa regional tratou, de forma muito bem-articulada, as dimensões do global e do local, associando nomes e identidades culturais da região e de SC ao maior evento esportivo do mundo e vice-versa. Em outras palavras, os Jogos de Atenas chegaram aos leitores dos dois jornais ancorados na identificação já existente com atletas regionais, ainda que disponham de reconhecimento nacional ou até mesmo internacional.

A nomeação e a sequência das categorias emergidas do campo demonstram, claramente, o percurso da narrativa midiática a respeito dos atletas focalizados, passando da expectativa criada em relação a bons resultados ao seu quase desaparecimento, quando essa expectativa se revelava frustrada, mas sempre concedendo a possibilidade de um novo retorno, numa próxima oportunidade.

Cabe destacar que o esporte de alto rendimento, observado em eventos como os Jogos Olímpicos e veiculado pelos diversos agentes midiáticos, se configura na principal referência dessa dinâmica cultural denominada esporte e, por isso, povoa o imaginário social de pessoas de todas as idades, classes, gênero etc. Assim, termina por constituir-se, também, em formador das representações sobre esporte que ocupam o campo social de atuação do professor de Educação Física, o qual precisa estar preparado técnica e conceitualmente, para entender e interagir com tal processo em suas intervenções profissionais. Mais um motivo que justifica a realização deste estudo.

Internamente, consideramos de grande importância acadêmica para os membros do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva (UFSC) a realização desta pesquisa, principalmente por haver proporcionado uma ação investigativa coletivamente tratada, da sua concepção à redação do relatório

final. Esse processo permitiu a integração e uma saudável aprendizagem mútua entre pesquisadores em diferentes estágios de formação acadêmica, de acadêmicos de graduação a mestrandos e doutorandos. Por fim, importa informar que todo o material de análise (jornais) está arquivado e à disposição no LaboMídia – Laboratório de Mídia do CDS – onde funciona o Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANDRADE, Josmar; MARQUES, Jane Aparecida. Do global ao local. Problemas e critérios para a classificação de comerciais de tevê. SemeAD – Seminários em Administração, 8, São Paulo. **Anais...** 2005.

BARDIN, Laurent. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, s/d.

BETTI, Mauro. **Janela de vidro**: educação física, esporte e televisão. Campinas: Papyrus, 1998.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves; HACK, Cássia; COSTA, Antônio Galdino da; RIBEIRO, Sérgio Dorenski; LISBÔA, Mariana Mendonça; MÓL, Mellyssa da Costa; MEZZARROBA, Cristiano; MENDES, Diego; PIRES, Giovani De Lorenzi. Ritual Olímpico e os Mitos da Modernidade: Implicações Midiáticas na Dialética Universal/Local. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, vol. 8, n 1, p. 21-36, jan/jun., 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2000.

CASTRO, Huáscar Sidorak; LISBOA, Mariana Mendonça; MEZZARROBA, Cristiano; MENDES, Diego; MUNARIM, Iracema; MÓL, Mellyssa da Costa. Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional II: a dialética local-global na cobertura dos jogos olímpicos de 2004. Reunião Anual da SBPC, 58, **Anais...** Florianópolis: 16-21 jul. 2006.

CASTRO, Maria Lilia Dias. A tensão global/local em publicidade. Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em

Comunicação – Compôs, 12. **Anais...** São Bernardo do Campo, 2004.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação**: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

LEMONS, Cláudia Regina Fonseca. Visibilidade medida: personalização e promoções na cobertura de futebol. **Revista Kinesis**, Santa Maria-RS: UFSM, n. 26, p. 102-166, maio 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. México: GG, 1987.

MORAES, Ilara Hammerli Sozzi de. **Informações em saúde**: para andarilhos e argonautas de uma tecnodemocracia emancipadora. Tese [Doutorado]. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1998.

OLIVEIRA, Ozerina Victor; DESTRO, Denise de Souza. Política curricular como política cultural: uma abordagem metodológica de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28. Rio de Janeiro: jan./abr., 2005.

OROZCO GOMEZ, Guillermo. Hacia una dialectica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. **Comunicação & Política na América Latina**, 8 (22/23/23/25): 57-73, 1993.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIRES, Giovani De Lorenzi et al (coord.). **As Olimpíadas e a dialética global-local**: os atletas olímpicos catarinenses em Atenas/2004 na mídia. Relatório de Pesquisa apresentado ao Programa FUNPESQUISA/UFSC/2004. Florianópolis: junho/2006.

PIRES, Giovani De Lorenzi; ANTUNES, Scheila Espíndola; COSTA, Antonio Galdino, BITENCOURT, Fernando Gonçalves; HACK, Cássia; RIBEIRO,

Sérgio Dorenski. Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional I: alguns aspectos quantitativos da cobertura de Atenas/2004. Reunião Anual da SBPC, 58, **Anais eletrônicos...** Florianópolis: 16-21/07/2006.

WAIZBORT, Leopoldo. **As Aventuras de Georg Simmel**. São Paulo/USP: Ed. 34, 2000.